

À descoberta de outras atividades de aprendizagem para o «Sermão de Santo António aos peixes», do Padre António Vieira

Fernanda Lamy

E. Secundária de Albufeira.

*“Para nós, a escola é uma ferramenta;
com ela transformaremos a sociedade.”
Sérgio Niza*

Associar as tecnologias à aprendizagem implica uma mudança na forma como se ensina e como se aprende, pois convoca um papel muito mais ativo do aluno e uma postura do professor na sala de aula como organizador, gestor e suporte do processo de ensino. “As potencialidades das TIC são infinitas, como o explorar de conceitos em ambiente de realidade virtual, a ritmos diversos, podendo haver uma maior colaboração na aprendizagem entre pares (...)” (Rêgo, 2012, p. 1) e, segundo Adelina Moura, “É um desperdício estarmos a pedir aos alunos que guardem os seus "smartphones" nas mochilas" (...) [é] tecnologia levada pelos alunos a custo zero para as escolas”¹.

Esta comunicação mostra como as TIC foram combinadas com o trabalho por projetos, para potenciar a aprendizagem do texto literário do Padre António Vieira em quatro turmas do 11^o ano de escolaridade. Para o efeito, foi elaborada uma *Webquest* com tarefas para aproximadamente um mês, sendo igualmente utilizadas a plataforma Moodle, o *Facebook* e o endereço eletrónico. Além da motivação dos alunos para a disciplina e promoção do trabalho cooperativo, procurou-se i) que aprendessem a fazer fazendo, juntando ferramentas e *Apps* suas conhecidas com novas; ii) que ampliassem o seu conhecimento do mundo através da celebração do Dia Internacional dos Direitos Humanos e iii) «abordar os conteúdos de cada área do saber, associando-os a situações e problemas presentes no quotidiano (...)»²

Palavras-chave: tecnologias, ensino aprendizagem, projetos, Perfil, mudança.

Introdução

Integrar as TIC no processo ensino aprendizagem. Eis-nos perante um cenário pedagógico que implica um duplo desafio. Na verdade, quer o professor, quer o aluno são convocados a sair da sua zona de conforto e, por conseguinte, poder surgir resistência à utilização de ferramentas

¹ Moura, A. (2017). Recuperado em 20 dezembro, 2018, de <https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/e-um-desperdicio-pedir-aos-alunos-que-guardem-os-smartphones-nas-aulas-diz-professora>

² Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

informáticas no desenvolvimento curricular.

Se, por um lado, o recurso às tecnologias obriga o aluno a responsabilizar-se consideravelmente pela sua aprendizagem, por outro o professor tem que redimensionar o seu papel na sala de aula, na medida em que, em vez de tradicional transmissor de conteúdos que domina o discurso, terá que conceder mais relevância ao aluno, dar-lhe mais voz e assumir-se como coordenador de todo o processo pedagógico-didático.

Por conseguinte, colocar as tecnologias (móveis) ao serviço da educação para criar ambientes inovadores que desenvolvam competências envolve um conjunto de fatores que obriga o professor a pensar na sua ação de forma diferente, para que os alunos aprendam de forma diferente. Neste âmbito, o trabalho cooperativo por projetos combinado com as TIC afigura-se exatamente como uma excelente forma de concretizar, contrariando uma cristalização de práticas segundo o modelo tradicional de ensino aprendizagem criado há cerca de três séculos, com La Salle e o método simultâneo de “Ensinar todos como sendo um só”. Trabalhar por projetos surge, então, nos antípodas desta conceção massificada, homogénea e redutora do processo de ensinar e aprender, colocando-se num paradigma e numa *praxis* que perspetivam e concretizam, entre outros aspetos, uma dimensão dialógica, ativa e dinâmica da relação pedagógica. “a metodologia de trabalho de projeto consiste numa metodologia de ensino-aprendizagem, que promove a participação ativa dos alunos na realização de trabalhos baseados em temas ou em problemas (...) refere Araújo (2014, p. 14), acompanhados sempre pela figura do professor, que coordena o trabalho do(s) grupo(s).

Estamos, assim, perante a construção cooperada, negociada e diferenciada do saber, numa lógica social dos produtos realizados e ligados a situações do real quotidiano ou do passado recente. Afinal, o que se pretende é o desenvolvimento de competências do aluno relacionadas com i) o trabalho cooperativo; ii) a diferenciação pedagógica; iii) a partilha de saberes e produtos; iv) a ajuda; v) a autonomia e a autoconstrução do conhecimento, indo ao encontro do que é preconizado no *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*:

«A assunção de princípios, valores e áreas de competências (...) implica alterações de práticas pedagógicas e didáticas de forma a adequar a globalidade da ação educativa às finalidades do perfil de competências dos alunos. [tais como] (...) abordar os conteúdos de cada área do saber, associando-os a situações e problemas presentes no quotidiano da vida do aluno ou presentes no meio sociocultural e geográfico em que se insere, recorrendo a materiais e recursos diversificados; (...) organizar e desenvolver atividades cooperativas de aprendizagem, orientadas para a integração e troca de saberes, a tomada de consciência de si, dos outros e do meio e a realização de projetos intra ou extraescolares.» (p. 31)

No entanto, uma questão crucial se coloca: ensina-se e aprende-se mais e melhor com as TIC? Poderão estas ser assumidas como estratégia de ensino aprendizagem para os alunos produzirem mais e melhor conhecimento?

Foi com estas duas questões de partida no pensamento que se projetou a situação de aprendizagem relatada nesta comunicação e que envolveu alunos de quatro turmas do 11º ano de Cursos Científico-Humanísticos no presente ano letivo (2018-2019), podendo configurar-se como uma resposta possível à “inquietação” pedagógica traduzida pelas questões referidas. Assim, após um breve enquadramento, no qual se indicarão também as finalidades e os objetivos subjacentes ao trabalho desenvolvido, far-se-á o relato das

atividades concebidas, finalizando com as conclusões, das quais constarão os pontos fortes e os constrangimentos verificados. Todas as figuras estão disponíveis no link <https://www.flipsnack.com/F9BDD6DBDC9/documentos-de-apoio-comunica-o.html>.

Enquadramento

Se pensarmos que um dos principais desafios que se colocam ao professor atualmente é motivar os alunos para a Escola e a aprendizagem, a disciplina de Português apresenta-se como uma das mais desafiantes, uma vez que a complexidade e a especificidade do estudo do texto literário condicionam a motivação e o interesse dos alunos, que se sentem “longe” dos textos e pouco estimulados a estudá-los. Para tentar alterar esta situação, o domínio do programa trabalhado foi, então, a Educação Literária e a unidade escolhida “Sermão de Santo António aos Peixes”, do Padre António Vieira, a qual foi alvo de um dupla intervenção pedagógico-didática: o trabalho por projetos combinado com as TIC e integrado num DAC (Domínio de Autonomia Curricular), no âmbito da Flexibilidade e Autonomia Curricular.

Por um lado, o trabalho por projetos aliado às TIC visava i) despertar o interesse dos alunos pela disciplina em geral e pelos conteúdos referidos em particular; ii) promover o sucesso e a autoestima de todos, em vez de estimular o individualismo e a notoriedade de alguns, tendo em conta que o sucesso de cada um só se atinge com o sucesso do grupo, pois ninguém aprende sozinho. Por outro lado, os DAC, preconizados pelo Decreto-Lei 55/2018, 2018-07-06 – DRE, são “áreas de confluência de trabalho interdisciplinar e ou de articulação curricular, desenvolvidas a partir da matriz curricular - base de uma oferta educativa e formativa, tendo por referência os documentos curriculares, em resultado do exercício de autonomia e flexibilidade, sendo, para o efeito, convocados, total ou parcialmente, os tempos destinados a componentes de currículo, áreas disciplinares e disciplinas;”.³

O DAC em questão envolveu a articulação entre três disciplinas de dois ciclos diferentes - Português de 11º ano, História de 9º e História A de 12º ano – tendo em conta que a articulação curricular pode ser entendida e desenvolvida não só no seio das turmas, com a equipa de professores de cada uma e respetivos alunos, mas também transversalmente em vários níveis de ensino, desde que pedagogicamente adequado e justificado. Ora, esta é uma dessas situações. Na verdade, encontramos aspetos em comum nos programas de cada disciplina. Assim, em História, quer no 9º quer no 12º, um dos itens programáticos é o estudo das alterações do século XX no pós 2ª Guerra Mundial, nomeadamente a criação da Organização das Nações Unidas. Da responsabilidade desta é a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que, apesar de não ser um conteúdo programático, foi escolhida como enriquecimento curricular pelas professoras das disciplinas referidas, devidamente enquadrada pelo estudo dos conteúdos referidos anteriormente. Na disciplina de Português, quer no programa, quer nas metas, quer nas Aprendizagens Essenciais, está presente o estudo do «Sermão de Santo António aos peixes», do Padre António Vieira, que foi um acérrimo ativista dos Direitos Humanos muito antes de em tal se pensar a nível mundial e num tempo em que a vida humana não valia nada. Como nos diz o

³ *Diário da República*, 1.ª série — N.º 129 — 6 de julho de 2018, p. 2930.

professor Eduardo Franco (2013, p. 25), “O Padre António Vieira (...) teve sempre no horizonte trabalhar pela construção de um homem novo e de uma sociedade nova. (...) Defendeu maior equidade social, (...) foi um precursor de uma reflexão crítica que favoreceria a emergência de uma consciência moderna do que se veio a designar mais tarde por Direitos Humanos.” O sentido de uma obra literária não se esgota no estudo das suas características e, para que os alunos dela se apropriem e sintam próximos, para que as aprendizagens realizadas sejam significativas, há que mostrar-lhes que, apesar de recuada temporalmente, ela atravessa os tempos e mantém uma mensagem atual.

Perante o que foi exposto, legítima se apresenta a realização de atividades conjuntas relativas aos Direitos Humanos, mais concretamente à sua Declaração Universal e centralizadas na comemoração do seu 70º aniversário (10 de dezembro), a partir de conteúdos curriculares das três disciplinas (ver figuras 1, 2 e 3). Esta ideia foi apresentada aos alunos e compreendida por estes, concordando com as propostas das professoras, enriquecendo-as com as suas ideias e mobilizando-se para a sua concretização. Foi executada em parceria com as BE (a da escola básica e a da sede) e o plano seguido foi o que se apresenta a seguir, de forma simplificada.

LIVRES E IGUAIS

DAC - ATIVIDADES DE PORTUGUÊS E HISTÓRIA SOBRE CONTEÚDOS CURRICULARES EM CONFRONTO COM A ATUALIDADE

CELEBRAÇÃO DO DIA INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS/70º ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL

<i>NÍVEIS DE ENSINO</i>	Ensino Básico – 9º ano – e Secundário – 11º e 12º anos
<i>RESPONSÁVEIS</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prof. Fernanda Lamy (11º ano Português ESA) ▪ ProfS. Maria do Carmo (9º ano EB2/3 Dom Martim Fernandes História) e Sérgia Medeiros (12º ano História ESA) ▪ Colaboração profs. Ana Mónica (BE ESA) e Jorge Serra (BE Martim Fernandes)
<i>TURMAS ENVOLVIDAS</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 9º A, B e C ▪ 11º A e B (Ciências e Tecnologias) ▪ 11º D e E; 12º C, D e E (Línguas e Humanidades)
<i>CALENDARIZAÇÃO</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Preparação ao longo do 1º período (atividades de desenvolvimento curricular - conteúdos) ▪ Apresentação à comunidade: 10 a 14 de dezembro de 2018
<i>LOCAIS</i>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Salas de aula Martim Fernandes e ESA ▪ Bibliotecas escolares da Martim Fernandes e da ESA ▪ Auditório da ESA

OBJETIVOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Articular aprendizagens escolares com situações da realidade atual ▪ Partilhar conhecimentos adquiridos ▪ Desenvolver a consciência moral e de cidadania dos alunos ▪ Desenvolver a competência comunicativa ▪ Utilizar técnicas de pesquisa e registo em vários suportes ▪ Organizar a informação recolhida
CONTEÚDOS CURRICULARES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Português 11º ano: «Sermão de Sto António aos peixes» - a argumentação; a crítica social ▪ História 9º ano: indicar as principais alterações ocorridas no mapa político mundial do pós IIª guerra. Analisar o papel da ONU ▪ História 12º ano: Módulo 8 – Portugal e o mundo da segunda guerra mundial ao início da década de 80 – opções internas e contexto internacional
ATIVIDADES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ensino aprendizagem de conteúdos e respetiva comunicação ▪ Exposição ▪ «Maratona de Cartas» (Amnistia Internacional) ▪ Sessão de cinema ▪ Encontro com padres jesuítas

Na disciplina de Português, relativamente à situação de aprendizagem que está a ser apresentada, convém salientar ainda que, subjacente a todo o trabalho desenvolvido com as TIC, esteve a constatação do facto que, apesar de a expressão “nativos digitais” ser bastante utilizada para caracterizar os jovens atuais, a verdade é que a literacia digital da maioria não passa do *Instagram, Twiter e Facebook/Messenger* ou jogos/vídeos *on line*. Assim, as atividades concebidas e realizadas pretendiam a mudança desta situação, colocando os alunos a aprender fazendo através de situações que lhes permitissem conhecer e aprender a usar diferentes *Apps* e ferramentas digitais, reinvestindo esse saber na resolução das tarefas. As finalidades e os objetivos para as atividades desenvolvidas na disciplina foram, então, os seguintes:

FINALIDADES:

- ▪ Assegurar o desenvolvimento das competências de compreensão e expressão em língua materna.
- ▪ Promover o conhecimento de obras/autores representativos da tradição literária, garantindo o acesso a um capital cultural comum.
- ▪ Proporcionar o desenvolvimento de capacidades ao nível da pesquisa, organização, tratamento e gestão de informação, nomeadamente através do recurso às Tecnologias de Informação e Comunicação.
- ▪ Otimizar a utilização dos dispositivos pessoais, smartphones e/ou tablets (coadjuvados pelos portáteis), convertendo-os em suportes, auxiliares e facilitadores do processo de ensino aprendizagem.
- ▪ Contribuir para a formação do sujeito, promovendo valores de autonomia, de responsabilidade, de espírito crítico.

- ▪ Desenvolver a aprendizagem cooperativa de modo a que o progresso e o sucesso individuais se articulem com o progresso e o sucesso do grupo turma.
- ▪ Convocar o meio envolvente da escola para o trabalho curricular e educativo.

OBJETIVOS:

Do Programa da disciplina de Português:

- Ler e interpretar textos escritos de complexidade crescente e de diversos géneros, apreciando criticamente o seu conteúdo e desenvolvendo a consciência reflexiva das suas funcionalidades;
- ler, interpretar e apreciar textos literários, de diferentes épocas e géneros literários;
- aprofundar a capacidade de compreensão inferencial;
- desenvolver o espírito crítico, no contacto com textos orais e escritos e outras manifestações culturais.

Das metas curriculares (vide figura 4): 1 e 2, 15 g) (Compreensão do oral); 3, 4, 5 e 6 (Expressão oral); 10, 11, 12 e 13 (Escrita); 7, 8 e 9 (Leitura); 14 b), c), d) 15 e 16 (Educação Literária).

Do PE do Agrupamento:

Objetivo estratégico1:

- Melhorar o sucesso educativo do Agrupamento

Objetivos operacionais:

- Criar condições para melhorar as aprendizagens dos alunos;
- incentivar o interesse e a motivação pelo estudo;
- desenvolver, no Agrupamento, uma cultura de rigor e exigência, assumida por toda a comunidade escolar, incentivando processos de ensino/aprendizagem centrados num envolvimento ativo do aluno.

Objetivo estratégico 2:

- Melhorar o clima de escola.

Objetivo operacional 3:

- Reforçar a ligação entre as escolas do Agrupamento e entre este e a Comunidade.

Do “Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória” (adaptado):

- *Área de competências Linguagens e Textos conduzindo a produtos:* utilizar de modo proficiente diferentes linguagens e símbolos associados à língua materna; aplicar estas linguagens de modo adequado aos diferentes contextos de comunicação; dominar capacidades nucleares de compreensão e de expressão.
- *Área de competências Informação e Comunicação:* utilizar e dominar instrumentos diversificados para pesquisar, descrever, avaliar, validar e mobilizar informação, de forma crítica e autónoma; transformar a informação em conhecimento; colaborar em diferentes contextos comunicativos, utilizando diferentes tipos de ferramentas (analógicas e digitais).
- *Área de Raciocínio e Resolução de Problemas:* interpretar informação, planear e conduzir pesquisas; gerir projetos e tomar decisões para resolver problemas; desenvolver processos conducentes à construção de produtos e de conhecimento, usando recursos diversificados.
- *Área de Relacionamento Interpessoal:* adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha; trabalhar em equipa e usar diferentes meios para

comunicar presencialmente e em rede; interagir com tolerância, empatia e responsabilidade e argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olhar e participar na sociedade.

- *Área de Desenvolvimento Pessoal e Autonomia*: consolidar e aprofundar as competências que já possuem, numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida.
- *Área de Saber Científico, Técnico e Tecnológico*: manipular e manusear materiais e instrumentos diversificados para controlar, utilizar, transformar, imaginar e criar produtos e sistemas; adequar a ação de transformação e criação de produtos aos diferentes contextos naturais, tecnológicos e socioculturais, em projetos desenvolvidos em ambientes físicos e digitais.

Para concretizar o que foi apresentado anteriormente, foi construída uma *Webquest*⁴ para a leção da unidade temática com a duração aproximada de um mês, juntando ferramentas e *Apps* já conhecidas dos alunos com outras novas, selecionando aquelas que lhes pareceram mais adequadas para as tarefas a desenvolver, de entre uma lista fornecida. Os recursos foram, assim, desde *smartphones*, *tablets* e *PCs* portáteis a *Apps*, ferramentas e *softwares* digitais, tais como, *Publisher*, *Calaméo/Issuu*, *Popplet*, *Padlet*, *Podcast*, *prezi/emaze*. Foram igualmente utilizadas a plataforma de gestão de recursos/interação *on line Moodle*, a rede social *Facebook* e o endereço eletrónico.

webquests.edufor.pt/webquest/soporte_tablon_w.php?id_actividad=4034&id_pagina=1

Um SERMÃO para a posteridade

[INTRODUÇÃO](#) [TAREFA\(S\)](#) [PROCESSO](#) [AVALIAÇÃO](#) [CONCLUSÃO](#)

INTRODUÇÃO

Esta é a vossa primeira webquest do ano e o seu tema é o SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES, do grande humanista e escritor português Padre António Vieira. Irão partir à sua descoberta e realizar o projeto de trabalho temático correspondente à sequência 1 do programa da disciplina, conhecendo por que razões este autor integra a lista do 11º ano.

OBJETIVOS (breves):

- Construir aprendizagem; trabalhar ativa e cooperativamente; desenvolver a autonomia, o espírito crítico e analítico e as várias literacias; melhorar as relações interpessoais.

Bom trabalho! Espero que se envolvam, aprendam e se divirtam.

Fonte da imagem: <http://www.livronautas.com.br/ver-autor/104/padre-antonio-vieira>

Aventura na Web criada por Fernanda Lamy com PHPWebquest

Figura 1 *Webquest* do projeto de trabalho

⁴ http://webquests.edufor.pt/webquest/soporte_tablon_w.php?id_actividad=4034&id_pagina=1

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades do projeto de trabalho iniciaram-se com o *planeamento global em miniconselho de cooperação*. Como refere Figueiredo (2014, p. 131) “(...) relativamente ao trabalho de aprendizagem curricular por projetos, define[-se] um roteiro que apresenta várias fases. Nesse roteiro está prevista a execução de um plano de trabalho, que implica a distribuição das ações no tempo e atribui responsabilidades. A fase de planeamento passa pelo preenchimento do plano de projeto, que se segue à fase de escolha.” Assim, usando o computador e o projetor, o planeamento foi sendo realizado com os alunos, tendo estes registado em grelha distribuída em papel para o efeito e agregada ao seu caderno (ver figura 5), ou no *One Note* do seu telemóvel (opção sua) o que estava a ser construído em conjunto tendo em conta:

- (i) o que tinham que saber: Domínios, Conteúdos e Metas do Programa relativamente à unidade de aprendizagem em estudo;
- (ii) como e quando teriam que trabalhar: calendarização, salientando-se o limite máximo de aulas para o desenvolvimento das tarefas; organização pelos alunos em grupos de trabalho e temas de cada grupo (ver figuras 6 e 7);
- (iii) divulgação das tarefas através da *Webquest* (ver nota 4) e esclarecimento de dúvidas sobre as mesmas;
- (iv) seleção pelos alunos dos recursos/ferramentas multimédia para desenvolverem as tarefas e informações sobre as que desconheciam (tutoriais *Youtube*);
- (v) abertura por cada grupo de um tópico no fórum criado para o efeito na página *Moodle* da professora, para partilha dos produtos construídos (ver figura 8).

Seguidamente, seguindo o planeamento efetuado, e como *motivação para o projeto de trabalho cooperativo*, os alunos visualizaram o filme “A Missão”, de Roland Joffé, seguido de apreciação e análise em aula, o que permitiu elencar um conjunto importantíssimo de aspetos sobre a época do Padre, a ação missionária dos Jesuítas, a temática dos Direitos Humanos, as estratégias argumentativas, abrindo-se caminho para o trabalho de interpretação sobre o texto do “Sermão”. Para a contextualização, em vez da tradicional exposição do professor, cada grupo construiu um *popplet* (mapa de ideias), abandonando o *powerpoint*, a partir das ideias chave recolhidas de textos do manual sobre aspetos histórico-culturais e literários do século XVII (ver figura 9). As potencialidades pedagógicas dos mapas mentais são imensas, pois além de desenvolverem a literacia digital i) facilitam a compreensão da estrutura do texto e do seu conteúdo; ii) são ferramentas que estimulam as capacidades cognitivas dos alunos e iii) constituem fator de motivação para o seu trabalho intelectual ao aliarem o visual e o lúdico à expressão escrita.

Com a análise do excerto do “Sermão” de que eram responsáveis, os grupos de alunos avançaram no projeto de trabalho e foi nesta fase que colocaram o maior enfoque. Por um lado, porque a compreensão e a análise do texto literário ocupam a maior parte do trabalho na disciplina, decorrente do “peso” da Educação Literária no programa, e, por outro, porque constituem um desafio para os alunos, estimulando-os cognitivamente e obrigando-os a resolver

as várias dificuldades que o texto lhes coloca e com as quais se defrontam. Assim, após a leitura individual do seu excerto, os grupos refletiram sobre o mesmo para captarem globalmente a sua mensagem e responderam em seguida a um questionário sobre o seu conteúdo. Ao longo de todo o processo, e de acordo com o ritmo de cada grupo, a professora supervisionou, observou, ajudou, orientou e deu *feedback* interativo na aula (ver figura 10), para que os produtos dos alunos ficassem corretos e com a qualidade necessária para serem comunicados aos colegas, tendo tido por vezes a ajuda dos próprios alunos que, por estarem mais adiantados nos seus trabalhos, ajudaram os colegas em tutoria (figura 11) (extra-aula o apoio foi dado pelo *Facebook* comum a alunos e professora, figura 12). Duarte (2012, p. 13) destaca que “o professor tem de (...), assegurar a existência de um sistema de auto e heterorregulação, [atento] à forma como evoluem as aprendizagens; aos bloqueios e obstáculos da aprendizagem; às suas origens, às dificuldades processuais.” e também Pinto & Santos (2006, p. 102) destacam esta função formativa e reguladora da avaliação, a qual consensualmente é vista como determinante na melhoria das aprendizagens, constituindo-se, então, como um projeto pedagógico de assistência às mesmas.

Os produtos deste trabalho intelectual assumiram várias formas: *prezis*, *emazes*, *e-books*, *padlets* e, ao ser-lhes proibido o uso do *word* e do *powerpoint*, os alunos tiveram que sair “da sua zona de conforto” para lidarem com ferramentas desconhecidas até ao momento (figuras 13,14 e 15).

Após todo o trabalho estar feito, corrigido, reescrito e aperfeiçoado, foi divulgado e comunicado pelos grupos à respetiva turma (ver figura 16) e colocado na plataforma Moodle, no *padlet* criado pela professora para o efeito (figura 17). Durante as comunicações de cada grupo, os outros foram registando no caderno os tópicos/itens mais importantes, orientados pelos colegas e pela professora em parceria, e no fim de cada comunicação foi feita a coavaliação com grelha (já criada pelos alunos em projetos anteriores) (figura 18). A relevância pedagógica deste momento deve ser particularmente destacada, não só porque é quando tudo o que andava disperso adquire sentido como um todo e a aprendizagem se concretiza, mas também porque, como nos diz Correia (2012, p. 15): “Nesse momento mostram os produtos que construíram e que ficam disponíveis para a consulta de todos (...). Estes produtos ganham um sentido social acrescido e servem de exemplo e de fonte de informação para novos projetos (...) para quem os concebe e para a turma”.

Depois das comunicações de cada grupo foi feita a sistematização de todos os conteúdos, de modo a consolidá-los e esclarecer dúvidas restantes, tendo tido em seguida 100 m de TEA (tempo de estudo autónomo) para cada aluno, em pares, em grupo ou individualmente organizar o estudo, estudar concretamente, tirar dúvidas com colegas e/ou professora, realizar exercícios, enfim, desenvolver a autonomia e responsabilizar-se pela sua aprendizagem (figuras 19 e 20). O professor tem, também, oportunidade de trabalhar, acompanhar os alunos que mais revelam dificuldades e precisam de apoio, ajudar a encontrar percursos de consolidação dos conteúdos de acordo com o ritmo de cada um, enfim, fazer a diferenciação pedagógica.

Entre este momento e a realização da avaliação em teste, o projeto de trabalho prosseguiu com o alargamento e enriquecimento curricular, nomeadamente no contacto com o meio. Assim, em saída de campo, um bloco de 100 m foi usado para aulas no exterior, mais precisamente na secção da peixaria de duas superfícies comerciais situadas nas imediações da escola para os alunos

conhecerem uma banca de peixe orientados por um guião (figura 21) e fazerem uma pequena entrevista a funcionários, mediante a organização por cada grupo de trabalho de um leque de questões a colocar, fazendo uma pequena síntese escrita no fim e colocando esses materiais produzidos no espaço de cada grupo no *padlet* do projeto (fotos, *podcast* e síntese) (figuras 22 e 23). Pretendia-se que os alunos alargassem os seus conhecimentos do mundo, estabelecessem “pontes” com o texto de Vieira conhecendo os peixes da atualidade, contactassem com situações do quotidiano exteriores à escola, isto é, situações da vida real. Além de serem recebidos de forma exemplar numa das superfícies, onde lhes explicaram todo o processo subjacente à montagem da banca do peixe e responderam às questões de cada grupo, as aprendizagens pragmáticas foram consideráveis, pois a maioria desconhecia quase por completo tudo o que se relacionava com o que se pretendia.

Finalmente, após a realização do teste, as últimas atividades centraram-se na celebração da Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntando-se aqui aos colegas das restantes turmas envolvidas no DAC. Por conseguinte, nas três disciplinas foram construídos materiais para uma pequena exposição assinalando a efeméride. Parceiras: as BE das escolas envolvidas, onde foi montada a exposição.

No 9º ano – História - os alunos realizaram produtos de subtemas variados em formato cartolina que expuseram na BE da sua escola. Aqui, na disciplina de Português, construíram produtos em torno de vários subtemas, um ou dois grupos para cada, segundo já foi mostrado na figura 7. A principal preocupação foi que os alunos convocassem as aprendizagens realizadas com o «Sermão» para a construção dos posters da exposição, ou seja, era crucial que encontrassem a relação entre o subtema do seu grupo e o que este trabalhara sobre a obra, comprovando, assim, a relevância e a intemporalidade da mensagem do «Sermão». Foram realizados em aula e extra-aula, com *feedback* constante da professora, os formatos foram selecionados pelos alunos a partir de lista fornecida e realizados com recurso às TIC: poster A3, cartaz A3, folheto, e-book, vídeo-documentário, pág. Web (estes dois últimos para passarem no LCD da BE). Quanto ao 12º ano – História - cada grupo elaborou um folheto dedicado a um artigo da Declaração Universal com respetiva análise e de acordo com guião. Como complemento, foi montada na BE da escola secundária uma mesa com livros e filmes existentes no fundo documental da mesma sobre o tema dos Direitos Humanos, para consulta e empréstimo domiciliário, assim como poemas e frases alusivos, disponíveis a toda a comunidade escolar (figuras 24 a 33). No início de janeiro, houve partilha entre as BE da escola básica e da secundária, ou seja, a exposição de cada uma foi exibida na outra, pois tendo em consideração que os trabalhos dos alunos sobre o currículo, em sala de aula, são realizados numa metodologia de projeto e numa ótica sociocultural, os seus produtos só se concretizam verdadeiramente enquanto transmissores/construtores de saber se forem partilhados, não só com os seus pares, mas também, e sobretudo, com a comunidade, adquirindo, neste ato comunicativo, o seu sentido real (figura 34).

A “Maratona de Cartas” foi outra das atividades realizadas (figuras 35 e 36). É da responsabilidade da Amnistia Internacional em parceria com a RBE e dirigida às escolas ou outras instituições que se lhes juntem. A partir da explicação sobre a atividade, foi passado vídeo do *youtube* para consolidação de informações, lidas as várias cartas e dadas aos alunos (11º e 12º) para as subscreverem (devolvidas à Amnistia Internacional assinadas até 31 de janeiro). Neste

momento foi divulgado aos alunos o mail recebido da Amnistia com o resultado desta ação para compreenderem que não foi em vão e que pela sua ação de cidadania cooperativa e ativa em defesa dos Direitos Humanos mudanças ocorreram e estão a ocorrer.

Os alunos assistiram também ao visionamento do filme «Flor do deserto» sobre mutilação genital feminina, seguido de reflexão, análise em cada turma, salientando-se a gravidade e atualidade do tema (figuras 37 a 39).

Finalmente, os alunos participaram numa sessão informal com dois padres jesuítas, que teve como foco a figura do grande jesuíta humanista Padre António Vieira, sobre o qual foram dadas informações que coincidiram com as fornecidas em aula e a ação dos jesuítas na atualidade. Permitiu consolidar conteúdos curriculares, estabelecer “pontes” entre o passado e o presente, ouvindo relatos diretos de como os ideais podem transformar-se em ações, de defesa dos direitos humanos, neste caso. Posteriormente, em aula, foi feita a reflexão e apreciação sobre o encontro (figuras 40 a 42).

O fim do projeto foi feito com a receção em aula de dois colegas de uma das turmas de 12º ano, que partilharam as suas apreciações sobre os trabalhos desenvolvidos e a temática em causa, interagindo de forma muito dinâmica com os colegas de 11º (tinham preparado a sua intervenção com a ajuda da professora de História), que devolverão a visita no 3º período, sobre o projeto de “Os Maias”.

À semelhança do sucedido nos projetos do ano anterior, a avaliação final deste realizou-se nos mesmos moldes. Pinto (2016, p. 11) refere exatamente que avaliar é “regulação dos processos de ensino/aprendizagem, que se destina à própria ação didática, no sentido de lhe fornecer informações úteis para um funcionamento mais eficaz” e Boggino (2009) também afirma que “Avalia-se para se conhecer e só conhecendo o que o aluno sabe ou não sabe é que é possível realizar intervenções pedagógicas apropriadas, que tendam a gerar melhorias nas suas aprendizagens.”. Por conseguinte, a avaliação é contínua, sistemática, um procedimento estritamente pedagógico e integrado no trabalho curricular, dirigindo-se aos processos e aos produtos visando a melhoria das aprendizagens. A autoavaliação constituiu a autorregulação dos alunos – processo e produto – como forma de se consciencializarem do que foi aprendido, responsabilizarem pela sua aprendizagem e corrigirem procedimentos para melhorarem; a coavaliação teve como objetivo minimizar a valorização negativa de avaliar através da partilha da avaliação; por fim, a heteroavaliação forneceu aos alunos *feedback* retroativo e classificativo global sobre o trabalho realizado e aferiu o grau de consecução das tarefas/aprendizagens realizadas, apontando caminhos de remediação e melhoria.

Ora, a coavaliação das comunicações já fora feita (figura 43), tratava-se agora da (auto)avaliação individual de todas as atividades realizadas, entregue em documento próprio (figuras 44 a 47), posteriormente devolvido, sendo a opinião dos alunos analisada em aula, para melhoria do processo, revestindo a avaliação uma importante função formadora. Foi igualmente efetuada a heteroavaliação e classificação (e todos os projetos foram/serão alvo deste procedimento). A grelha seguinte traduz o percurso avaliativo efetuado.

AVALIAÇÃO

MODALIDADES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Autoavaliação, coavaliação, heteroavaliação
INSTRUMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Roteiro/Balanço para auto e coavaliação; grelha de coavaliação e registos de observação direta
CRITÉRIOS/ DESCRITORES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Processo: empenho, autonomia, relação com o grupo. - avaliação com registo escrito pelos alunos, registos de observação pelo professor. ▪ Produtos: poster e análise do “Sermão” - qualidade estética (cores, imagens, grafismos...); qualidade informativa (pertinência e clareza das informações sobre o subtema dos Direitos Humanos); respeito pelas instruções fornecidas (inclui a relação do subtema com os conteúdos curriculares estudados); cumprimento dos prazos; qualidade linguística. - A escala utilizada foi de 1 a 5, tendo em conta os descritores: 1 Revela muitas lacunas e imprecisões em todos os critérios, está FRACO; 2 Revela lacunas e imprecisões em quase todos os critérios, está NÃO SATISFATÓRIO; 3 Cumpriu instruções, embora de modo incompleto e com algumas lacunas e imprecisões nos vários critérios, está SATISFATÓRIO/RAZOÁVEL; 4 Cumpriu quase todas as instruções, revela qualidade em vários critérios, está BOM; 5 Revela bastante qualidade em todos os critérios, raras imprecisões e lacunas, está MUITO BOM. OU Não há nada a apontar, está completo e com qualidade em todos os critérios, não tem erros, está EXCELENTE. ▪ As classificações foram depois convertidas para a escala de 0 a 20.

Conclusões

Após todo o trabalho desenvolvido com e pelos alunos, é possível apontar um conjunto de pontos fortes e constrangimentos na situação de aprendizagem apresentada, provenientes não só da observação do processo pela professora, mas também da sua avaliação pelos alunos.

Assim, como aspetos positivos, importa salientar que a sinergia desenvolvida se apresenta, sem dúvida, como uma alternativa pedagógica e didática ao ensino tradicional. Na verdade, com o trabalho por projetos cooperativos e a (auto)regulação com a avaliação formativa efetuada, foi visível o desenvolvimento de um conjunto variado de competências - cognitivas, comunicativas e interpessoais – sobressaindo ainda os progressos na literacia digital, tendo em conta o ponto de partida. A maioria dos produtos conseguidos revelou uma qualidade notória e, juntando a

observação do processo pela professora com o que os alunos indicaram nos seus balanços, é possível afirmar que só se aprende a fazer fazendo e em cooperação, ou, como refere Formosinho (2003, p. 8) “a criatividade pedagógica faz [se] em diálogo e não no isolamento.”

De destacar igualmente que a metodologia seguida possibilitou efetuar uma verdadeira diferenciação pedagógica, pois ter o grupo turma organizado em grupos cooperativos por projetos de trabalho, permite, como Serralha (2009, p. 26) tão bem enuncia,

“dar resposta a todas as crianças que integram o grupo/turma, ou seja, em alternativa ao método simultâneo fazem a diferenciação do trabalho, tendo em conta as necessidades, os desejos, o ritmo e as capacidades de cada um, como convém em democracia. Desse modo, ao tornarem efetivos esses direitos, respeito pelas diferenças e igualdade de oportunidades, criam condições para uma participação ativa de todas as crianças na organização e gestão cooperada do currículo, o que faz com que a escola se torne mais justa e mais inclusiva, isto é, mais humana”.

Mas nem tudo foi pontos fortes. Os constrangimentos também estiveram presentes e de forma variada. Os principais foram de natureza tecnológica (rede *internet e hardware*) e geraram inúmeros obstáculos ao desenvolvimento normal das aprendizagens. A rede usada atualmente nas escolas tem imensas falhas, a maioria dos computadores das salas de aula, inclusive as de TIC, está obsoleta e, apesar de todos os esforços dos colegas de informática, foi complicado trabalhar com os programas e as aplicações ao ritmo desejado, tendo mesmo sido desmotivador por vezes.

A resistência pessoal dos alunos foi outro fator de instabilidade. Poucos são os que não têm e usam telemóvel mas constatou-se, no início do seu uso na sala de aula, que muitos eram os que não lhes atribuíam qualquer valor pedagógico, por conseguinte, não foi fácil vencer-lhes a resistência de recorrerem aos *smartphones* para trabalharem na sala de aula, atendendo aos problemas tecnológicos apontados anteriormente. O comportamento de alguns grupos durante o desenvolvimento do projeto não foi também o mais adequado, sendo necessário um acompanhamento muito intenso e cansativo dos mesmos, e excedendo inclusive o limite temporal inicialmente planeado para a realização das tarefas, tendo que completá-las extra-aula.

No entanto, tendo em conta todo o trabalho desenvolvido, o balanço final não pode deixar de ser positivo. O que está em causa e aqui fica como última conclusão é que

“(…) pretende-se garantir que todos os alunos sejam capazes de utilizar as TIC, nomeadamente para selecionar, recolher e organizar informação para esclarecimento de situações e resolução de problemas. Não basta que os alunos sejam capazes de realizar alguns procedimentos elementares no uso das TIC. O desempenho nesta área pressupõe que desenvolvam, de forma flexível, processos de aprendizagem e autonomia na utilização das TIC. Isto pressupõe o empenho das escolas e nomeadamente dos professores para estimular as aprendizagens autónomas e cooperativas dos alunos.” (Pinto & Sobral, s/d, p. 3).

Referências bibliográficas

- Araújo, César (2014). *A Metodologia de Trabalho de Projeto como promotora da aprendizagem dos alunos: uma abordagem a um curso profissional*. Relatório de Estágio Mestrado em Ensino de Informática. Minho: Universidade do Minho Instituto da Educação. Recuperado em 14 de março, 2019 de <http://hdl.handle.net/1822/38051>
- AAVV (2017). *Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral da Educação. Recuperado em 20 de dezembro, 2018, de https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Boggino, Norberto (2009). “A Avaliação como estratégia de ensino. Avaliar processos e resultados”. In *Sísifo/Revista de Ciências da Educação*, 09, pp. 79-86.
- Correia, Carmen (2012). “Aprender através de projetos”. In *Escola Moderna*, 43, 5ª série, pp. 12-36.
- Duarte, Joana (2012). “A prática da avaliação formativa no desenvolvimento de uma regulação individualizada das aprendizagens”. In *Escola Moderna*, 42, 5ª série, pp. 13-23.
- Figueiredo, Paula (2014). “Desenvolvimento do trabalho em projetos”. In *Escola Moderna*, 2, 6ª série, pp. 130-137.
- Formosinho, Júlia (2003). “O Modelo Curricular do M.E.M. – Uma Gramática Pedagógica Para a Participação Guiada”. In *Escola Moderna*, 18, 5ª série, pp. 5-9.
- Franco, José (2013). “Um político total”. In *JL, Jornal de Letras*, 17 a 30 de abril.
- Niza, Sérgio (2012). “Para nós. A escola é uma ferramenta; com ela transformaremos a sociedade”. *Escritos sobre educação*, org. Nóvoa, A., Marcelino, F. & Ó, J. do. Tinta da China: Lisboa, 2012.
- Rêgo, F. (2012). “A Escola da tecnologia”. In *JL Educação*, 12 a 25 de dezembro.
- Pinto, Jorge (2016). “A avaliação em Educação: da linearidade dos usos à complexidade das práticas”. In Amante, Luísa & Oliveira, Isolina (Coord.) (2016). *Avaliação das Aprendizagens: Perspetivas, contextos e práticas*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pinto, Jorge & Santos, Leonor (2006). *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pinto, Teresa & Sobral, Sónia (s/d). *A utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação no processo de ensino-aprendizagem no Ensino Secundário*. Recuperado em 15 março, 2019 de <http://repositorio.uportu.pt:8080/bitstream/11328/542/6/TMTICE%202.pdf>.
- Serralha, Filomena (2009). “Caracterização do modelo do Movimento da Escola Moderna”. In *Escola Moderna*, 35, 5ª série, pp. 5-50.